Natureza e Ciência em Thomaz Pompeu de Souza Brasil. Ceará, século XIX[1]

José Romário Rodrigues Bastos*

Meu contato com a obra de Thomaz Pompeu de Souza Brasil ocorreu durante os estudos de graduação e nos primeiros encontros do Grupo de Pesquisa "Rio Jaguaribe: história, memória, natureza e cultura". Tomando como mote esse importante rio do Ceará, nos aventuramos a navegar nessas águas (novas, diga-se de passagem, pelo menos para mim) tentando decifrar as variadas relações entre natureza e cultura travadas na sociedade cearense ao longo dos tempos. Em grupo, discutimos trabalhos, pesquisas e textos que encaravam a História Ambiental, em processo de consolidação nos cursos de pós-graduação do Brasil, porém ainda muito tímida e com produção digamos embrionária no Ceará. Experimentamos o Jaguaribe em todos os seus percursos e problemáticas, sua nascente no Sertão dos Inhamuns, sua foz em Aracati, algumas barragens em seu caminho, sempre atentos às marcas naturais e culturais que saltam aos olhos. Contando inicialmente com a arguta orientação das professoras Kênia Rios e Adelaide Gonçalves e dos professores Eurípedes Funes e Régis Lopes, pudemos conhecer uma ampla bibliografia que ajudava a despertar os primeiros temas a serem pesquisados, tendo como missão escrever uma história ainda não contada, que fornecesse reflexões inéditas sobre a História Ambiental no Ceará.

* Professor da Rede Pública de Ensino do Ceará, Doutorando em História Social do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará.

[1] Texto apresentado à Mesa Redonda "Thomaz Pompeu e a questão ambiental no século XIX" na Academia Cearense de Letras em 26 de setembro de 2018. Baseia-se na Dissertação de Mestrado "*Natureza, Tempo e Técnica: Thomaz Pompeu de Sousa Brasil e o século XIX*" por mim apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará em 2013.

Foi no grupo também, por que essa era uma das preocupações fundamentais, que me deparei com um documento intitulado *Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará*, escrito em 1859[2]. De autoria de Thomaz Pompeu de Souza Brasil a publicação logo despertou atenção pelo fato daquelas páginas, com forte tom de manifesto, tratarem da problemática ambiental no Ceará no século XIX. Mais que isso, era uma evidência de que a relação da sociedade com a natureza estava em pauta e era foco de discussão nos ambientes mais ilustrados à época. Trata-se da reunião de artigos escritos primeiramente no periódico *Cearense* durante o final da década de 1840 em que figura com destaque a preocupação e a urgência de mudar o trato dos cearenses com a natureza. O texto foca, sobretudo, as medidas adotadas para o cultivo de certas culturas, como o algodão, além de alertar sobre os locais desse cultivo, considerados pelo autor como impróprios, principalmente as serras, chamando atenção de "agricultores e creadores" para a fundamental importância da manutenção das árvores para o clima. A conservação das "matas" e o plantio onde a devastação se efetivara seriam os grandes objetivos a serem alcançados. Práticas recorrentes de preparação do solo para plantio como as queimadas são condenadas, como também o "systema irracional do roteamento das matas" que não permitiam o descanso necessário ao cultivo durador.

> Inútil Cassandra! De balde havemos demonstrado com os principios da sciencia, com a authoridade dos sabios, com a experiência d'outros paizes, e até com a nossa propia, que o pernicioso systema de roteamento de matas, o incendio dos campos no sertão, apressarão o termo de completa ruína de nossa terra, e deixarão a nossos vindouros solidões, e ruínas, e uma maldição eterna á nossa memória. Semilhantes aos Israelitas no deserto, cuidamos sómente do dia de hoje, amanhã cahirá o maná do céo! (BRASIL, [1859]1997, p. 5)

Valendo-se do recurso linguístico da ironia, lembremos que essas palavras foram primeiramente divulgadas num jornal, Pompeu lança críticas ao formato de se produzir no Ceará e a imprevidência com que os cearenses encaravam o clima. Passou então a indicar caminhos que modifi-

[2] BRASIL. Thomaz Pompeo de Sousa. *Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará*. [1859]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

cassem essa constatação, no sentido de garantir a durabilidade das riquezas naturais, preocupando-se com a "prosperidade" da Província, bem como a estabilidade de vida das "gerações futuras". Tal preocupação é explicada tendo como argumento um dos problemas que mais tarde, sobretudo nos anos finais da década de 1870, viria a ser peça fundamental a todo e qualquer sujeito que quisesse falar da natureza cearense: a seca. Nota-se a antecipação do autor ao discutir a temática da seca como problema da natureza cearense, antes dos intelectuais de todo o Império levarem para os debates científicos o combate de tal problema com a grande seca de 1877. Era preciso, portanto, preservação! Apostava-se na arboricultura, na proteção aos mananciais e na construção de açudes, como forma de diminuir os efeitos das estiagens prolongadas.

Tal pretensão ajuda a confirmar que o projeto de escrever sobre a conservação das matas estava ligado ao fato do autor entender que a ciência era a grande resposta da questão enfrentada não só por sua província, como por todo o mundo, que residia, sobretudo na correta e equilibrada forma das sociedades utilizarem seus recursos naturais. Existiu ainda a tentativa de legitimar a forma correta de se trabalhar a terra para provimento da sociedade. Suas ideias encontraram eco nos anos 1860, principalmente, na crítica feita pelos Presidentes de Província em relação à agricultura. Queixando-se da ausência de "machinas" e da maneira como os agricultores trabalhavam, Lafayete Rodrigues Pereira argumentava que

> [...] a agricultura no Ceará, como em quase todo o império, é ainda rudimentaria; faz-se como o machado, com a foice e a enchada, esses instrumentos de devastação, com que o colono portuguez conseguio há séculos penetrar o seio de nossas florestas! (Ceará, 1864, p.12)

Observa-se que há o desejo de transformar as práticas dos agricultores. Pompeu estava ligado aos sujeitos que defendiam a substituição das chamadas atividades "imprevidentes" pelas "científicas" onde o saber da ciência orientasse o caminho para a racionalização da produção. Esse objetivo seria alcançado com uso de instrumentos apropriados como o "arado", "machinas de despolpar", "ventiladores", além de "créditos especiais para a agricultura" e o estabelecimento de "escolas agricolas".

Junto a isso, figura o projeto intelectual de delimitação de fronteiras tão presente entre os homens de saber do século XIX, dedicados à escrita da história da nação, que necessariamente passava também pelas histórias

das diversas províncias, cujo entendimento orbitava em estudar as partes que formavam o todo.[3] É por isso que o intelectual cearense se projeta como sujeito na escrita do passado da nação, participando ativamente do processo que visava inserir sua província no grupo de pequenos estados adeptos ao progresso. Ao lado de outras figuras com projeções imperiais como José de Alencar e Tristão de Alencar, Pompeu escreveu sua visão sobre o Ceará cujo o mote foi a natureza. A utilização do mundo natural foi o caminho seguido por Pompeu ao querer falar sobre a contribuição do Ceará tanto para a história do Brasil como para pôr sua província na marcha em direção ao progresso da humanidade. Expondo seus argumentos, afirmava

> [...] por exemplos naturaes, e por factos históricos a constancia da lei eterna da naturesa, de que a ausencia das matas trasia sequidão á athmosphera, esterelidade aos campos, solidão, e ruina ao paiz. Continuemos como o nosso estudo authorisando com o testemunho dos sábios que fallão com a sciencia, e com a experiência, para fazermos mais sensível o perigo á que estamos expondo o futuro de nossa bella provincia. (BRASIL, [1859]1997, p. 10)

Era preciso garantir o casamento do científico com o natural, era urgente guiar o destino da Província, ou mesmo do Império, a partir de uma ciência baseada na experiência; o progresso só seria alcançado quando o passado fosse revisitado e orientasse o presente, ou seja, era por meio de uma correta utilização das riquezas naturais que se chegaria a um futuro exitoso. Para tato, se exigia o esforço de conhecer as leis da natureza, facilitado pela observação meticulosa, pelo cálculo cuidadoso, pelo registro preciso, pela recolha do máximo de espécies, somados a rigorosas descrições, narrações e explicações do objeto em análise, dando ênfase nas sensações presenciadas pelo investigador natural, como indicado por Alexander von Humboldt[4] e outros homens de ciência.

---

[3] Nesse sentido, Régis Lopes afirma que "O particular era fundamental. Era de cada singular que saía a matéria-prima. Sem singular, não seria possível dar vida a uma escrita que pretendia fornecer aos brasileiros uma explicação sobre a complexidade de um país com dimensão para além do normal. Somente geral, a escrita deixaria de ser história. Somente específica, a escrita seria apenas uma crônica. O particular, além de ser singularidade, deveria ser uma parte, e o todo teria como suposto a aversão a qualquer tipo de fragmentação. Seria preciso abraçar o ideal da síntese, por uma questão epistemológica e política: as províncias do Império deveriam permanecer unidas, como se fizessem parte de um todo." (RAMOS, 2012, p. 15).

[4] "Alexander von Humboldt (1769-1859) era um naturalista, absorto na contemplação dos céus – como o eram os pré-socráticos, por exemplo – e era, sobretudo, um tipo moderno de

Assim sendo, essa ciênca, proposta por Humboldt, em boa parte ajudou Thomaz Pompeu a formar sua ideia em relação à natureza cearense, no sentido de fornecer um método em que as afirmativas contidas em seu livro fossem formuladas a partir das descrições físicas da vegetação, das águas e do clima da Província, passando pela narração de algumas sensações que variaram ao longo do tempo, sempre lembrando o papel da sociedade nessas variações, alertando os sujeitos para importância da natureza em suas vidas. Reforçando-se a tese de que a investigação das alterações naturais deve ser compreendida de forma articulada com as práticas culturais dos indivíduos, advertia:

> Antigamente á tarde, pela manhã até alto sol, e principalmente a noite, a nevoa, descia dos pincaros, ou levantava-se das matas, e brejos, e estendia-se sobre a planície, e habitações, envolvendo tudo debaixo de um immenso tocado de vapor humido. A temperatura em todo tempo baixa, e desde as 4 horas da tarde o frio começava a encommodar aos forasteiros: hoje apenas sente-se á noite um ar mais fresco. (BRASIL, [1859]1997, p. 18)

A preocupação é, em específico, com as serras de Maranguape, Aratanha, Jubaia, Acarape e Baturité, alvo da investida do cultivo do café, responsável pela devastação de boa parte da vegetação desses locais[5]. Como se pode notar, o argumento é formado pelas descrições físicas desses espaços, reforçado pela sensação de temperatura sentida no passado. Essa visão de que o café estaria sendo cultivado de forma errada, alterando a

cientista para o qual, isto é o curioso, seu objeto de pesquisa não cabia numa forma específica de conhecimento, embora a especialização já estivera fixando os domínios de vizinhança entre as disciplinas recém-emergentes. O desenvolvimento crescente de áreas particulares, como a botânica, a geografia, a zoologia, a biologia, a economia, a história literária e a cultural, todas ganhando autonomia em meados do século XIX, era, por força da fatalidade, uma realidade para Humboldt [...] Sem negar a astúcia dos estudos específicos, Humboldt adere a uma perspectiva, ao mesmo tempo, empírica e filosófica da natureza, a fim de demonstrar a harmonia invisível que liga a diversidade enorme do objetos naturais". (RICOTTA, 2003, p. 15-16).

[5] Thomaz Pompeu ao escrever sobre o cultivo do café não faz nenhuma menção ao fato da preocupação dos produtores em plantar ingazeiras para o sombreamento dos cafezais. O intelectual cearense não comenta a prática do estabelecimento de ingazeiras para proteção dos pés de café do sol e do vento. Pedro Airton Queiroz Lima (2000) sugere que esse "silêncio" de Pompeu sobre as ingazeiras explica-se pelo motivo de tal prática não ser tão freqüente nem fomentada quando da escrita do texto em 1859, ganhando força somente na década de 1860.

natureza das serras e prejudicando o Ceará de uma forma geral, demonstra que, além dos preceitos científicas humboldtianos, Pompeu também escolhe as concepções sistêmicas do ambiente propostas por Lineu. Dessa maneira, denotava:

> É porque a cultura do café tem descoberto até os píncaros da serra, exposto á acção immediata do sol os seos mananciaes, que não podendo resistir a força activa da evaporação de uma temperatura de 35 gráos centisimaes, secção em pouco tempo; e por conseguinte da verdura, a frescura, a humidade atmosférica, a attracção, condensação dos vapores, e a chuva finalmente. (BRASIL, [1859]1997, p. 18)

Assim, a natureza passava a ser reconhecida como um todo organizado, completo de organizações internas, fato que levou o estudioso Lineu a afirmar que a natureza deveria ser vista como um conjunto de espécies, onde cada uma desempenhava um papel importantíssimo no meio de uma forma geral. Trata-se de perceber a forma pela qual o mundo estava organizado de acordo com a função de cada membro, assim denominado sistema. Daí a importância dada aos métodos de se interferir no espaço (LINEU; WILCKE apud PÁDUA, 2004). O olhar científico era pensado a partir de uma atividade investigativa que queria descobrir quais eram essas leis internas à natureza. O papel do observador era lançar-se na exploração dos elementos naturais para melhor compreendê-los e, assim, exercer domínio sobre suas marcas, até então desconhecidas, por falta de um enfrentamento dessa ordem. A razão – vista como potência, uma espécie de força intelectual que ajudava os homens a olhar a natureza de forma secularizada, era a característica fundamental de toda e qualquer sociedade que aspirasse ao progresso – indicaria qual a melhor maneira de entender como se gere esse "sistema". Nessa direção, a razão era compreendida como o conteúdo que aproximava os homens por ela guiados, desejosos pelo alcance da maioridade intelectual (CASSIRER, 1997).

Esse método era tributário da filosofia do Iluminismo que enxergava a natureza como um dos maiores obstáculos a serem vencidos pelos homens esclarecidos, através do exercício da razão. As ordens gerais que permeavam os segredos naturais necessitavam ser desvendadas pelos cientistas, sedentos por respostas que explicassem seu funcionamento, uma vez que se concebia a natureza como dotada de movimentos próprios, possuidora de uma regularidade externa aos homens.

Sob este prisma, Thomaz Pompeu lançou suas indicações em relação à maneira de se possuir uma produção agrícola, tendo o cuidado de

garantir a preservação desse ambiente e de "leis naturaes" que deveriam ser entendidas por que informavam a melhor maneira de garantir riqueza livre de "ruínas futuras". Percebe-se que, além das lições tiradas dos manuais da ciência e do romantismo alemão, bem como os sistemas de classificação de Lineu, o cearense externa outra filiação de pensamento preocupada em discutir o melhor formato de se intervir no meio ambiente: a fisiocracia. Ao se incomodar com a presença cada vez mais frequente das secas, demonstra sua atenção aos efeitos negativos que a falta de água trazia à produção no Ceará:

> A destruição das matas entre nós nas serras, e nas praias; os incêndios dos campos todos os annos no sertão tem concorrido visivelmente a nossos olhos para a diminuição das agoas, e desaparecimento de muitas fontes; não terá igualmente concorrido para as seccas que tem assolado esta província do Ceará, e suas visinhas? (BRASIL, [1859] 1997, p. 21)

Uma questão central permeava os debates dos pensadores fisiocratas: a agricultura. Formas de se cultivar estavam ligadas ao fato de produzir riquezas orientadas pela preocupação de garantir estabilidade do ambiente que deveria permanecer propício ao sucesso agrícola. Assim, estudos apontariam corretos meios de oferecer à sociedade o progresso tão almejado, uma vez que se entendia que era a agricultura a base da riqueza do Brasil para a qual todos deveriam destinar maior atenção. O futuro era pensado a partir dessa reflexão, entendia-se que os homens necessitavam do domínio das práticas agrícolas, capazes de proporcionar estabilidade em qualquer parte do mundo, para só então organizar a indústria e o comércio tão propagandeados pelos adeptos do mercantilismo. Era preciso trabalhar no sentido de promover a passagem do Império do estado mecânico para termodinâmico, ou seja, ajustar a produção a mecanismos industriais movimentados sobretudo pela energia térmica. (ARAÚJO, 2001)

Consultando os Relatórios dos Presidentes de Província do Ceará, pode-se perceber o interesse em fazer da agricultura o fator principal na busca pelo êxito financeiro tão caro às regiões sedentas pelo progresso. Em 1853, Joaquim Vilella de Castro Tavares em seu relatório declarava que

> Já vêdes pois, Senhores, que é a agricultura, que convem principalmente animar e proteger, e que todo o esforço que se fisesse para deslocar os capitães dos ramos de industria, que offerecem mais vantagem, seria sobre modo prejudicial. Animai a agricultura, multiplicai-lhe os

> productos, que tereis o commercio em grande escala, e vereis a industria manufactureira crear-se como por encanto, e a província do atraso em que está surgir á opulencia. (Ceará, 1853, p. 62-63)

Portanto, a agricultura era compreendida como a grande responsável pelo funcionamento econômico do mundo e, por conseguinte, demonstrava o grau que uma região estaria no plano do progresso. À propósito, agricultura, lavoura ou cultivo agrícola são palavras que deram origem a um dos significados do termo cultura que, ao longo do tempo, sobretudo a partir do século XVIII, ganhava conotação de civilização. Terry Eagleton (2005) afirma que o ato de cultivar, de ser culto, carrega um forte tom de atenção à natureza. Cultivar, nessa ótica, revela a intenção do homem para utilizar a própria natureza no sentido de transformá-la em favor da humanidade. A agricultura evidencia a intenção dos homens em modificar, segundo a observação das características naturais de um ambiente, o mundo ao seu redor, tendo em vista uma produção agrícola capaz de caracterizá-los como civilizados, pelo fato de darem conta dessa dialética entre o natural e o artificial.

Thomaz Pompeu estava em contato com essas teorias. Em seu trabalho, nota-se que a problemática reside em lançar respostas às dúvidas relacionadas à produção no Ceará. Seus conselhos eram dirigidos pela ideia de que o sucesso do Brasil estava ligado à natureza, o que precisamente deveria ser entendido tanto pelos produtores, como pelos líderes políticos e toda a população. Todos eram chamados a tal tarefa, posto que o público ao qual Pompeu se destinava era amplo, como ele próprio afirmou na apresentação de seu livro sobre a conservação das matas.

Junto ao fato de fornecer medidas capazes de produzir uma agricultura de forma correta, estava a preocupação de diminuir os efeitos das secas, pois em seus artigos, existe grande esforço de discutir o problema das estiagens no Ceará antes mesmo de 1877. Com base em todas as formas científicas citadas para pensar a natureza, a garantia de uma vida estável na Província só seria permitida pelo correto uso de seus recursos, advindas do cuidado com a manutenção da vegetação nativa, sobretudo nas serras. Dessa maneira, Pompeu munindo-se de um vasto repertório de leituras, lança-se no debate em torno do formato de se gerir a Província, partindo de uma crítica ambiental, capaz de esclarecer questões relacionadas à produção de riquezas necessárias ao progresso do Ceará.

Todavia, a questão de lançar opiniões em torno das formas de se adquirir riquezas provindas dos recursos naturais era um tema recorrente no Brasil desde o final do período colonial. A partir de fins do século XVIII e início do XIX, pode-se encontrar a preocupação de intelectuais com a efetivação de uma produção estável, partindo de uma crítica ambiental em que aparecem discursos adeptos dos métodos para proporcionar uma agricultura produtiva, baseada na estabilidade da natureza, observadora de preceitos científicos. Interessa, portanto, perceber que Thomaz Pompeu não estava isolado ao elaborar uma crítica ambiental, sociedade e natureza deveriam estar equilibradas, em que a humanidade só alcançaria o sucesso sabendo utilizar de forma coerente os recursos advindos do meio natural. Geralmente ligados à política e possuidores de uma formação superior nas áreas de Direito e Medicina, esses sujeitos entendiam que boa parte dos problemas de ordem econômica, enfrentados pelos chefes políticos como abastecimento de alimentos, exportações, amenidade do clima, entre outros, poderia ser resolvido, desde que fossem consideradas suas contribuições a respeito de como se utilizar o meio ambiente. Assim, deputados, médicos, advogados, engenheiros entre outros ofícios, desde os anos setecentistas, percebiam a necessidade de lançar projetos em torno dos usos da natureza. Pompeu, que fazia parte desse grupo, insistia

> Não devemos tentar alguma cousa para implantar entre nós uma cultura esclarecida, que tirando partido das nossas terras em abandono, conhecidas pela denominação de cançadas, poupe os restos das nossas florestas, para que no futuro não sejamos redusidos a não ter madeiras para a nossa construção naval, e urbana, e para os nossos moveis, nem combustivel para preparar nossa alimentação? (BRASIL, [1859] 1997, p. 13)

A maneira de se adquirir riquezas explorando "irracionalmente" florestas, campos e serras necessitava ser revista, dada a preocupação em garantir para o futuro a continuidade da fertilidade das terras brasileiras. Dessa maneira, por mais especificidades que se possa encontrar nas críticas ambientais presentes em todo o Brasil durante esse período, existiu uma característica geral que estava presente na maioria deles, a preocupação com o "progresso", fio condutor que motivava em geral esses intelectuais. Para o caso do Ceará, era urgente cuidar das serras, pois aquele local reunia preciosos bens naturais que observados o cuidado indicado pela ciência, possibilitariam o sucesso agrícola.

> A destruição das matas nas serras, que occultão as fontes, donde descem os nossos ribeiros, traz ainda outros males alem da extinção dos mananciaes. Em quanto as matas guarnecem as faldas das montanhas, não só as folhas e troncos das arvores são um elemento continuo do húmus vegetal, que todos os annos se enriquece com os seos restos, como resguardando o solo, que cobrem, da acção immediata erosiva das águas pluviaes, evitão que seja sulcado, e arrastada a terra vegetal aos vales. Mas uma vez escalvado o monte, posto o solo em contacto immediato dos raios do sol, e das chuvas torrenciaes, a terra resseca-se, as aguas torrenciaes sulcam as encostas, abrindo profundos regos, arracão o húmus vegetal, que acarretão ao vale, e depois as pedras, *detríctus* de rochas, e terreno primitivo, que formão o núcleo da montanha exposto á acção erosiva do tempo. (BRASIL, [1859]1997, p. 10-11)

Demonstrando entender que cada elemento de um determinado espaço desempenha papel insubstituível, Thomaz Pompeo alerta que as serras deveriam ser os locais do Ceará que mereceriam maior atenção, pelo fato desses locais abrigarem as fontes que dão origem a alguns rios da Província**,** posto que já se observava a perenidade de estiagens, não sendo a chuva a grande fornecedora de água ao Ceará. A Província projetada por Pompeu deveria seguir as indicações sugeridas pelos cientistas por ele estudado, cuja organização tinha que obrigatoriamente se preocupar na garantia da estabilidade econômica, sendo a conservação da natureza a principal saída para se chegar a esse objetivo.

Thomaz Pompeu de fato dedicou-se até o fim de sua vida a lançar contribuições ao formato de organização da sociedade, chamando sempre atenção para a necessidade de garantir a continuidade de sua Província, apontando que os traços "arcaicos" punham em perigo o projeto civilizatório que, acreditava estar em curso. Derrubada de árvores, queimadas como método de fertilização do solo, tímida aplicação de técnicas, entre outras ações criticadas, deveriam ser combatidas dando lugar a práticas que se baseassem nos preceitos científicos apontados. Para isso, entendeu que era necessário estudar o que se passou ao longo dos anos, na tentativa de se munir ao máximo de informações que atestassem se o comportamento da natureza havia mudado durante os séculos. Demonstrou, assim, que para se planejar o futuro de sua província, era preciso conhecer o passado dela, sobretudo o seu clima, colocando em quadros estatísticos as médias anuais de precipitações, os quadros das temperaturas, informações que comprovassem que a incorreta investida do homem estava destruindo a

natureza. Tais dados foram confeccionados com o objetivo de monitorar o grande fenômeno a ser combatido: a seca. Segundo Thomaz Pompeu a previsão era uma arma bastante eficaz no enfrentamento às estiagens, uma vez que classificou esse evento como periódico, sugerindo que era possível arrostá-la, tanto pela observação climática, quanto por medidas técnicas a serem implantadas em todo o Ceará. Assim, sendo, defendeu o emprego de obras que atuassem no combate a falta de água, já que as estiagens eram previsíveis. Autor de vários estudos de relevo, dentre as quais cito Ensaio Estatístico da Província do Ceará (1863), Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil (1864), Memória sobre o clima e secas do Ceará (1877), atestam seu profundo compromisso enquanto homem de ciência deixando registrada sua contribuição para a história de sua província. Ao voltarmos ao seu pensamento duzentos anos depois de seu nascimento, além de recuperarmos suas ideias e projetos, devemos insistir na investigação histórica da relação natureza e cultura, campo de estudo (e por que não dizer de militância) fundamental para a compreensão da história.

Referências

ARAÚJO, Hermetes Reis de. Da mecânica ao motor: a ideia de natureza no Brasil no final do século XIX. In: *Projeto História*. São Paulo: EDUC, vol. 1, nº23, p. 151-168, 2001.

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. *Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará.* [1859]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

CASSIRER, Ernest. *A filosofia do iluminismo*. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.

CEARÁ. Relatório do Presidente de Província. Lafayete Rodrigues Pereira, 1864.

_____. Relatório do Presidente de Província Joaquim Vilella de Castro Tavares, 1853.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

LIMA, Pedro Airton Queiroz. À sombra das Ingazeiras: o café na Serra de Baturité 1850-1900. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense.

PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição:* pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O fato e a fábula*: o Ceará na escrita da história. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

RICOTTA, Lúcia. *Natureza, ciência e estética em Alexander Von Humboldt.* Prefácio de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.